

## **A visão comunista do governo Vargas**

### **The communist point of view about of the Vargas government**

**André Konell**

(Graduado em Publicidade e Propaganda pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR)

**Jacqueline Mylena de Camargo**

(Graduanda em História pela Universidade Federal do Paraná – UFPR)

**Lauriani Beraldo Kawashima**

(Graduada em Serviço Social pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP)

**Marcos Anholetto Matos**

(Graduando em História pela Universidade Federal do Paraná – UFPR)

**Nathalia Reichwald**

(Graduada em Enfermagem pela Universidade Positivo)

### **Resumo**

O governo Vargas apresentou grandes pontos de estudo e análise de como foi executado. Apesar das grandes repressões varguistas a ideários que contrariassem suas expectativas homogêneas, é a partir de 1937, com o Estado Novo, que suas ações se concentraram em todos os meios de comunicação, bem como no desaparecimento de outros partidos políticos e no controle dos poderes através das nomeações e acordos estaduais. Os comunistas, vistos como inimigos máximos, foram colocados sob condições degradantes e levados a um processo de intenso extermínio, fosse por extradição, ou sendo colocados à mercê da morte. É claro que havia no Brasil uma difusão dos ideários comunistas desde a década de 1920, os quais foram expressados através de diversos materiais jornalísticos como a revista *Movimento Comunista*, e o semanário *A Classe Operária*, um substituindo o outro nesta sequência, de acordo com as proibições surgidas nos governos, incluindo o de Vargas até seu mandato democrático, na década de 1950. Nesse período, por fim, o jornal *Voz Operária* acaba por assumir posição informante do PCB e representar as opiniões e teorias do partido. Vargas permanece com ações para estabelecer o controle, mesmo que indireto, criando sindicatos para concentrar as ações dos trabalhadores e limitar seus interesses. Mas seu segundo mandato é marcado pelas dificuldades de governabilidade e da oposição – ponto onde analisamos imagens difundidas por esse periódico comunista e seus possíveis impactos que,

somados a diversos fatores políticos e de poder, resulta no fim do segundo mandato getulista, e mais do que isso, em sua morte.

**Palavras-chaves:** Vargas; Partido Comunista Brasileiro; Imprensa Comunista.

### **Abstract**

The Vargas government, had presented great study points and analysis about how it was executed. Although the great Vargas repressions to ideologies which would counteract his homogeneous expectations, and from 1937, with the Estado Novo, his actions had concentrated in all the medias, beyond the ending of all the political parties and controlling every power through states agreements. The communists, were placed as enemies and in degrading conditions, led to extermination, whether by extradition or by death itself. It is quite clear that in Brazil there was a diffusion of the communist ideas since 1920, which were expressed through many journalistic materials as the *Movimento Comunista* magazine, and the weekly *A Classe Operária*, one replacing the other, as per the prohibitions that overcame in different governments, including Vargas itself even in his democratic term of office on 1950. At that time, *Voz Operária* newspaper becomes the PCB – Brazilian Communist Party informer and represent the opinions and ideas from the party. Vargas remains with actions to stablish the control, even not directly, encouraging the syndicates to concentrate the workers actions and limit their interests. But his second term of office is underlined by the governability difficult and the opposition, a point where we analyze cartoons and images widespread by this communist newspaper and its possible impacts which added to several political and power issues, results to the end of his second term of office, and more than that, in his death.

**Key-words:** Vargas; Brazilian Communist Party; Communist Press.

### **Introdução**

O presente trabalho visa observar o embate entre o governo de Getúlio Vargas e os comunistas na época em que o PCB (Partido Comunista Brasileiro) encontrava-se na ilegalidade, destacando-se os anos entre 1951 e 1954. Nesse período, o jornal *Voz Operária* foi um dos mais importantes veículos de comunicação e de propaganda dos ideais do partido, adotando uma postura claramente anti-imperialista e anti-getulista, acusando o presidente de favorecer os grandes empresários capitalistas em detrimento dos trabalhadores brasileiros.

Inicialmente, é contextualizado o conflito entre Vargas e os comunistas, que tornou-se presente no final da década de 1930, conforme apontado por Mariana dos Santos Ribeiro no artigo "Direito e autoritarismo, a expulsão de comunistas no Estado Novo (1937-1945)". Esse embate ocorreu em uma época que Vargas procurava, por diversos meios, reafirmar seu poder e enfraquecer a oposição frente à população, como é possível notar através da análise de Mônica Pimenta Velloso, "Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo". Já o exame sobre a década de 1950 recebe o apoio do artigo "O segundo governo Vargas 1951-1954: democracia, partidos e crise política", de Maria Celina D'Araujo, que oferece a base para a compreensão das críticas contra o governo de Getúlio Vargas.

Daniela de Jesus Ferreira, Jorge Ferreira, Marieta de Moraes Ferreira e Lorrann Santos de Oliveira auxiliam a compreender o papel da imprensa comunista e seu desenvolvimento, culminando no jornal *Voz Operária*, objeto do presente trabalho, com o qual se observa as principais críticas comunistas contra o governo imperialista e explorador. Além de examinar algumas publicações do mesmo jornal, este trabalho utiliza como apoio o artigo de Rodrigo Rodriguez Tavares, "O humor contra Vargas: desenhos comunistas do período da campanha eleitoral ao suicídio (1950-1954)", para tratar a respeito das charges veiculadas pelo periódico em questão. Em seu artigo, Tavares procura elucidar a importância destas manifestações imagéticas, não só por parte do Estado em relação aos comunistas, mas na linha oposta, destes para com aqueles.

### **Os comunistas e o governo Vargas**

Compreender com maior intensidade o processo pelo qual o PCB e o movimento ideológico do comunismo como um todo desenvolveu-se no Brasil pode tornar-se difícil se, como se costuma fazer na historiografia, não remontarmos a um período de origem, de razões e circunstâncias que contribuíram para o desencadeamento deste processo. O governo Vargas nos dá um norte evidente para tal compreensão, uma vez que o mesmo, pautado por políticas de consolidação do regime, estabelece uma série de ações com a intenção de manobrar a opinião pública e, conseqüentemente, favorecer sua continuidade e homogeneidade no poder.

O controle sobre os estrangeiros era uma prática comum logo nos primeiros anos do governo e, já em 1937, foram institucionalizadas práticas intolerantes, como a expressão de repúdio às diferenças étnicas e políticas. O governo era avesso ao pluralismo de ideias, crenças e culturas, e incentivava a dissolução de identidades “exóticas” (CARDOSO, 2008, p. 178). Entre os inimigos do governo estava o comunismo, que foi reprimido como uma expressão do mal. De acordo com as versões oficiais, o perigo do comunismo não tinha raízes nacionais, era estrangeiro, alheio aos problemas nacionais, provocador de caos e desintegrador da civilização cristã (CARDOSO, 2008, p. 164).

Em 1935 o Partido Comunista, em nome da Aliança Nacional Libertadora (ANL) e influenciado por antigos tenentistas, organizou um levante armado, que ficou conhecido como Intentona Comunista. A revolta foi sufocada pelo governo, e então iniciou-se uma violenta e mais intensa repressão ao comunismo. Por conta disso, em 1936 registrou-se o maior número de expulsões do governo Vargas. Tais atos comprovam que os adeptos do comunismo eram tratados como inimigos da nação, e, caso fossem estrangeiros, deveriam ser expulsos do país, visando a “salvação nacional” (CARDOSO, 2008, p. 168).

A imagem do comunismo como representação do mal atingiu seu auge com a divulgação do plano comunista de tomada de poder, o Plano Cohen, pela imprensa. Em virtude da defesa da ordem e da liberdade, o governo instaura, em novembro de 1937, o Estado Novo. Com o novo governo, os partidos políticos foram dissolvidos, uma vez que estes eram fatores de desordem e não defendiam ideias nacionais (CARDOSO, 2008, p. 166).

Cria-se, portanto, uma força unilateral contra as movimentações contrárias ao governo, controlando cinema, rádio, esportes e outras manifestações culturais ligadas a esta construção do nacional, utilizando também de nomenclaturas tais como “Estado Novo” e “Brasil Novo”, que denotavam uma novidade melhor que a anterior ou mesmo outra que se apresentasse, no caso dos comunistas (VELLOSO, 1997, p. 62).

O “perdão” aos comunistas só veio no final do primeiro governo Vargas, em 1945. O Brasil, seguindo os Estados Unidos na luta contra o nazifascismo, estudava medidas democráticas, como o Decreto-lei nº 7474, que anistiava também os comunistas.

Entretanto, a verdadeira intenção de Vargas era mascarar seu perfil autoritário e conservar seu poder. Ainda, o decreto anistiava apenas a prática do comunismo, mas não interferia nas expulsões. Apesar da imagem de um Brasil civilizado e sem perseguições políticas que a anistia passava, nos bastidores o governo ainda decidia quais comunistas podiam ficar e quais deveriam sair do país (CARDOSO, 2008, p. 171-172).

Durante seu primeiro governo, Vargas encaminhou centenas de indivíduos para a morte. A eliminação dos indesejáveis envolvia fuzilamentos, sobrevivência em regiões inóspitas ou em condições subumanas (CARDOSO, 2008, p. 173-174).

Com a vitória de Getúlio na campanha presidencial em 1950, o PCB volta a enfrentar um inimigo conhecido. Ainda durante a campanha aqueles que temiam o comunismo acreditavam que a candidatura de Vargas era uma imposição, já que esta evitaria que o operariado se tornasse vulnerável ao ideário comunizante (D'ARAUJO, 1992, p. 75).

No segundo governo Vargas, predomina a ideia de que os comunistas se aproveitavam da miséria resultante da Segunda Guerra para persuadir os povos com o ideário do “paraíso marxista”. Tendo isto em vista, a América tinha o dever de combater as ideologias subversivas e os partidos que operavam sob o comando de “potências estrangeiras” (D'ARAUJO, 1992, p. 159).

Logo em 1951, no início do governo, com a guerra da Coreia em curso, o então ministro das Relações Exteriores sugere que o presidente faça um pronunciamento declarando-se ao lado do mundo ocidental e contra a ameaça externa e interna do comunismo. Parte desse pronunciamento tem a ver com os Estados Unidos e os auxílios financeiros que poderiam disponibilizar ao Brasil (D'ARAUJO, 1992, p. 168).

Uma das formas que Vargas encontrou para frear o comunismo foi o incentivo aos sindicatos, pois através destes o trabalhador se expressava, dando ao governo a oportunidade de controlar o limite de suas exigências, diminuindo, então, a possibilidade de uma organização de caráter mais autêntico e popular (D'ARAUJO, 1992, p. 101).

Levando em consideração toda a produção cultural emitida pelo governo varguista, além de todas as suas políticas de controle estatal e nacionalismo, ele notoriamente

tornou-se alvo das elaborações publicitárias e imagéticas dos comunistas brasileiros durante seu segundo governo (1951-1954). Curiosamente, em relação à historiografia sobre o marxismo, seu vasto conteúdo é muitas vezes ignorado (TAVARES, 2016, p. 70).

### **O jornal *Voz Operária***

O uso da imprensa teve um relevante papel para a difusão das ideias comunistas no Brasil, tanto que antes mesmo da criação do Partido Comunista Brasileiro – PCB, concepções marxistas já eram propagadas através da revista *Movimento Comunista*, editada a partir de janeiro de 1922 por uma organização de operários, adeptos da referida orientação política, do Rio de Janeiro. Tal revista, considerada a primeira publicação periódica declaradamente comunista do país, posteriormente, com a fundação do partido em 25 de março de 1922, acaba então se tornando seu órgão oficial, até ser extinta em junho de 1923 (OLIVEIRA, 2013, p. 21).

Embora desprovido de um organismo oficial, os pecebistas deram continuidade às suas ações redigindo nas páginas do jornal *O Paíz*, pois somente em 1º de maio de 1925 teriam outro periódico próprio com o surgimento de *A Classe Operária*, instituído mediante os esforços de Astrojildo Pereira, Octávio Brandão e Laura Brandão (FERREIRA, 2011, p. 01).

Ao substituir a revista *Movimento Comunista*, o semanário *A Classe Operária*, por seu turno, assume a função de porta-voz do PCB, cumprindo a tarefa de levar informação e formação aos trabalhadores, bem como também de “agregar, conquistar militantes, divulgar o ideário comunista e as lutas sociais no país” (FERREIRA, 2014, p. 14); ou seja, buscava aumentar o número de filiados ao partido.

Após três meses de circulação e contando com 12 edições publicadas, em julho de 1925 o jornal é fechado pela repressão praticada pelo governo de Artur Bernardes, de modo que volta a ser produzido somente em 1928. No ano seguinte, recebe a proibição de circular novamente e, retorna a partir de 1930, apresentando edições irregulares até 1945 devido às dificuldades provocadas pelo cenário político varguista. Sua produção regular é retomada com a redemocratização, mas com a ilegalidade do

PCB em 1947, sofre perseguições, tendo sua impressão suspensa em 1949 (OLIVEIRA, 2013, p. 21-22).

Segundo Marieta de Moraes Ferreira (2001, n. p.), *A Classe Operária* ressurgiu em 1951, porém teve uma curta existência, visto que deixou de ser publicada no ano de 1952. Com o fechamento definitivo do jornal, houve a necessidade de que a lacuna deixada fosse preenchida, e, nesse sentido, o periódico *Voz Operária*, fundado em 1949 sob a direção de Waldyr Duarte, foi transformado em órgão oficial do partido comunista.

A princípio, na *Voz Operária* encontravam-se as principais teses do PCB para discussão entre os militantes, além de notícias do país, matérias sobre as condições de vida dos trabalhadores e sua atuação política. No entanto, a partir de 1952 o jornal passa por uma reformulação visando atingir um público mais amplo, logo, começa a trazer em seu conteúdo temas de interesse nacional, fotografias, caricaturas, e seções dedicadas à literatura, cinema e teatro (FERREIRA, 2011, p. 02). Ofertado semanalmente, o periódico possuía em média 12 páginas em que as notícias geralmente eram separadas em 3 blocos, sendo um destinado a abordar o movimento comunista no mundo, ao passo que os demais tratavam da política nacional e da mobilização dos trabalhadores (OLIVEIRA, 2013, p. 22-23).

As mudanças operadas na formatação da *Voz Operária* desencadearam tensões entre os jornalistas e a direção do partido, que acusava os primeiros de serem “reformistas”. No decorrer de 1955, foram publicadas várias reportagens que não coadunavam com o enfoque de realidade defendida pela cúpula dirigente do PCB, e, em 1956 os atritos se acentuaram com a divulgação do “relatório Krushev”, que denunciava o stalinismo. Assim, em 1957 ocorreu uma cisão na equipe do jornal, acarretando o desligamento de importantes nomes de seu quadro e, também do partido, entre eles Osvaldo Peralva, Agildo Barata e Aydano do Couto Ferraz (FERREIRA, 2001, n. p.).

Conforme revela Oliveira (2013, p. 22), em razão da saída de eminentes jornalistas, acrescido por problemas financeiros, o semanário entrou em crise, todavia, prosseguiu circulando como órgão oficial do PCB, sob a direção de Mário Alves. Conseqüentemente, processou-se uma grande perda em seu estilo e vigor, e em 1959

o partido tomou a decisão de fechar o jornal e criar outro impresso em seu lugar, que recebeu a denominação de *Novos Rumos*. A *Voz Operária* ainda voltou a ser publicada entre os anos de 1964 e 1975 na clandestinidade, tendo, por fim, inclusive alguns números editados durante o ano de 1980.

### **Análise das representações de Getúlio Vargas**

Eleito presidente através do pleito popular sucedido em 1950, Getúlio Vargas tomou posse do cargo em 1951 para exercer seu segundo mandato. Entretanto, desde o início, seu novo governo é marcado por um forte clima de instabilidade política em face da oposição do Congresso, situação a qual era sobremaneira reforçada pelo anti-getulismo apregoado pela União Democrática Nacional (UDN) e por parte da imprensa.

Nesse contexto, cabe observar que os comunistas, que sempre vivenciaram relações conturbadas e foram alvos de constantes perseguições durante os 15 anos anteriores em que Vargas esteve no poder, faziam parte do lado que desferia as mais duras críticas ao chefe de estado e à política por ele conduzida, fato possível de ser averiguado através dos jornais que publicaram nesse período, como é o caso da *Voz Operária*, que se constituía no veículo de comunicação oficial do PCB.

Nas notícias produzidas entre 1951 e 1954 neste semanário, as menções ao presidente e às ações que vinha levando a efeito são bastante recorrentes, contudo, em todas, a figura de Getúlio Vargas recebe contornos negativos, sendo apresentado por frases que o identificam como o velho tirano do Estado Novo, representante dos latifundiários, da grande burguesia, e dos interesses imperialistas dos Estados Unidos. Outrossim, seguindo essa linha de pensamento, ao ser colocado como cúmplice de tubarões e exploradores do povo, muitas vezes é apontado como alguém que tenta enganar demagogicamente os trabalhadores, que não cumpre as promessas que realiza, consistindo, sobretudo, no responsável pela carestia e pelas difíceis condições de vida a que a população estava submetida.

Quanto ao último aspecto explicitado, a imagem que aparece na edição de 01 de fevereiro de 1952 (Anexo A) denota justamente essa ideia ao mostrar Getúlio Vargas,



que fuma um charuto, dialogando com três monstros que aparecem sinalizados como: carestia, morte e analfabetismo; os quais, segundo Rodrigo Rodriguez Tavares (2016, p. 81), corresponderiam a males que o presidente havia prometido combater.

Outra imagem publicada pela *Voz Operária* e destacada por Tavares, exemplifica Vargas falando ao microfone. O que pretende ser desmistificado aqui é sua ação contínua através do rádio, além de seus constantes pronunciamentos durante o governo que exerceu. O microfone, por sua vez, parece desenxabido por sua fala. Pior que isso, demonstra repugnância por seu hálito ao afastar-se de suas palavras, evidenciando um discurso irreal, mentiroso e morto (Anexo B).

Um ponto também frequentemente enfatizado no jornal concerne ao fato do governo ser qualificado como “um governo de traição nacional”, pois consoante explicação fornecida na edição 137 de 03 de janeiro de 1952 “vende ao imperialismo a sua soberania, as riquezas e a vida de nosso povo” (p. 07). Em outras palavras, refere-se à entrega de minérios estratégicos do país aos trustes americanos, do petróleo à Standard Oil, do favorecimento dado às empresas estrangeiras, como o empréstimo feito à Light, e, ainda, ao estabelecimento de acordos com os Estados Unidos para ocupação do solo brasileiro para manobras bélicas e tropas para as guerras de Truman.

A caricatura publicada na edição 245 de 23 de janeiro de 1954 (Anexo C) manifesta bem essa visão de um governo pautado em uma postura servil e que entrega todos os seus valiosos recursos. Nela, vemos Getúlio Vargas caracterizado como um garçom, servindo uma bandeja contendo um território com petróleo, representado por torres, e soldados para um norte-americano que aguarda, de garfo e faca em mãos, ávido por devorar o prato ofertado (TAVARES, 2016, p. 91).

Em várias matérias contidas na *Voz Operária*, notadamente é promovida uma associação do governo com os propósitos americanos de guerra, ressaltando-se a colaboração do Brasil com tal política e a subserviência do presidente ao imperialismo também nesse âmbito, contribuindo na agressão perpetrada a outros povos, em especial aos coreanos. A edição 118 de 25 de agosto de 1951, inclusive, chama a atenção para um provável envio de marinheiros brasileiros para apoiar os soldados

dos Estados Unidos, destacando que Vargas pretendia manda-los “para a morte na Coreia” (p. 05).

Ilustrando esse caráter beligerante supostamente adotado na época pelo governo brasileiro, que estaria submetido às pretensões norte-americanas, podemos apontar o desenho impresso na edição 153 de 26 de abril de 1952 (Anexo D), que apresenta uma sequência de cinco figuras. Na primeira percebe-se o rosto de Getúlio Vargas, que gradativamente vai se modificando até se transformar na imagem de um avião lançando uma bomba atômica, reportando-se, desse modo, à “arma utilizada em Hiroshima e Nagasaki por ordem de Truman” (TAVARES, 2016, p. 93).

Talvez possamos ainda inferir que ao sistematicamente relacionar o governo de Getúlio Vargas à percepção de que se tratava de “um governo de guerra”, o partido conseguia imprimir uma maior relevância as campanhas pacifistas que desenvolvia nesse mesmo espaço de tempo, haja vista que a tônica da luta pela paz se punha em flagrante contraposição ao cunho belicista da política seguida pelo presidente.

Por certo, consideramos que se analisarmos algumas outras edições do jornal *Voz Operária* no período entre 1951 e 1954, para além do caráter panfletário e de proselitismo ideológico, fica evidente nas notícias, matérias e charges, além do anti-getulismo, o anti-imperialismo norte-americano. O segundo, muito arraigado na aproximação militar do Brasil e Estados Unidos pós Segunda Guerra com a política da boa vizinhança, que entrava em conflito com os interesses do PCB, então alinhados com Moscou em um crescente cenário mundial da Guerra Fria.

### **A luta eleitoral comunista e o suicídio de Vargas**

A partir de meados de abril de 1954, o jornal *Voz Operária* cria uma forte campanha em busca da derrota de Getúlio Vargas nas eleições de outubro daquele ano. Reconhecendo que o direito de voto é negado a milhares de brasileiros, o jornal defendia a participação de todas as forças democráticas nesse processo. Para tanto, conforme a edição 262 de 22 de maio de 1954 (p. 01), além de conquistar novos eleitores, a campanha eleitoral comunista deveria reforçar suas reivindicações pela melhoria da condição de vida, contra a exploração dos Estados Unidos, pela defesa

da paz e das liberdades democráticas, uma vez que os comícios eleitorais favoreceriam a união das massas, formando, portanto, uma frente única nacional, ainda que atenta às especificidades locais.

A formação dessa frente única, no entanto, se deparava com a dificuldade de angariar os diversos setores sociais, que deveriam ir desde a classe operária até a burguesia nacional. Conforme o texto de Freitas Lopes, "Sobre a estruturação imediata da frente-única", publicado pela *Voz Operária* no dia 29 de maio de 1954, edição 263 (p. 04):

Contudo, necessário se torna advertirmos que até o momento a maioria dessas lutas só tem mobilizado, como massa, a classe operária e um ou outro setor isolado da chamada classe média (particularmente estudantes e funcionalismo público e uma parcela insignificante do campesinato). Constatamos que como massa, como classe, estão ausentes ainda dessas lutas setores importantes para a frente-única e até decisivos, como a massa camponesa, camadas importantes da pequena burguesia (intelectuais, particularmente) e a burguesia nacional.

A proximidade das eleições fez movimentar também uma campanha pela legalidade do PCB, que defenderia os interesses da classe operária, como observado na edição 265 de 12 de junho do mesmo ano (p. 11). Para tanto, convoca a mobilização das massas através de diversas formas de lutas pacíficas, como abaixo-assinados, pronunciamentos de personalidades políticas e líderes sindicais, comissões, palestras, debates e distribuição de folhetos.

O episódio do suicídio de Getúlio Vargas foi caracterizado como um golpe norte-americano, cuja imprensa teria guiado os opositores do presidente, segundo a denúncia presente na edição 276 de 04 de setembro de 1954 (p. 03). Essa imprensa nova-iorquina declarava que os Estados Unidos procuravam salvar e proteger o Brasil da crise e da guerra, o que entrava em contraste com o discurso propagado pela *Voz Operária*, que afirmava que o interesse norte-americano estava em explorar o território e o povo brasileiro, instalando, se necessário, uma ditadura militar-fascista. Tal situação teria sido desencadeada pela carta de suicídio de Vargas, que teria confirmado as denúncias comunistas acerca do imperialismo estadunidense. É possível notar, com a publicação da edição extra de 27 de setembro de 1954, que os

comunistas e o jornal *Voz Operária* continuariam carregando as mesmas bandeiras: contra a exploração internacional e a favor das massas, defendendo, ainda, a união com os trabalhistas getulistas em torno do objetivo comum em defesa da pátria, garantindo a derrota americana nas eleições de outubro.

### **Considerações Finais**

Um estudo centrado na atuação da imprensa comunista no decorrer do segundo governo de Getúlio Vargas propicia um material vasto e assaz profícuo para a compreensão do posicionamento assumido pelos comunistas brasileiros no interior dessa conjuntura e as estratégias mobilizadas no sentido de defender suas ideias e interesses frente às demais correlações de forças vigentes no período.

Ao compulsarmos as publicações do semanário *Voz Operária* editadas de 1951 a 1954, constatamos que desde o começo de seu mandato, Vargas esteve sob intenso ataque, sendo representado no discurso jornalístico por meio de termos depreciativos e que o vinculavam ao rol de conhecidos inimigos que sempre foram combatidos pela ideologia comunista, além de sempre ser propalada a imagem de que estivesse trabalhando no sentido de manter as prerrogativas e beneficiar os mesmos às custas do povo, o que resultava em mazelas e sofrimentos a este último.

Ademais, ecoa na maioria de suas páginas denúncias de que o governo contemplava totalmente as vontades ditadas pelos Estados Unidos, construção que espelhava as disputas que se travavam no quadro internacional com a existência de um mundo polarizado, assim como agia para realçar a defesa do nacionalismo, posto que impingia-se a perspectiva de que ambições estrangeiras recaíam sobre nossas riquezas e ameaçavam a autonomia do país, o que demandava a necessidade de opor resistência e, sobretudo, de combatê-las.

Não obstante, verifica-se que a morte de Getúlio Vargas em 1954 provoca uma guinada nas publicações que faziam menção a ele, pois antes tido como algoz, surge a partir de então como uma vítima das pretensões norte-americanas, que o tiraram de cena por meio de uma atitude golpista, de modo que seu suicídio é transformado em assassinato. Seu nome começa a ser utilizado na tentativa de congregar os

comunistas com o setor que apoiava o presidente, isto é, os trabalhistas. Anteriormente, criticado e ridicularizado pelo jornal, desse momento em diante, passa a ser evocado simbolizando a necessidade de haver união para luta contra um adversário comum.

De qualquer modo, é impossível afirmar com exatidão o impacto que a propaganda comunista veiculada pela *Voz Operária* causou na opinião das massas populares sem um estudo mais aprofundado. Ainda assim, o jornal demonstra ser uma importante fonte para elucidar questões a respeito da posição que o PCB possuía em relação ao governo de Vargas, uma vez que era notável o conflito entre os comunistas e o presidente considerado o "pai dos trabalhadores".

### Fontes

**VOZ OPERÁRIA.** Rio de Janeiro, 1951-1954. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=154512&pasta=ano%20195&pesq=>> Acesso em: 28 dez. 2016

### Referências Bibliográficas

CARDOSO, Mariana dos Santos Ribeiro. Direito e autoritarismo, a expulsão de comunistas no Estado Novo (1937-1945). **Prisma Jurídico**, vol. 7, n. 1, p. 163-183, jan./jun. 2008. Universidade Nove de Julho: São Paulo, 2008.

D'ARAUJO, Maria Celina. **O segundo governo Vargas 1951-1954: democracia, partidos e crise política.** 2. ed. São Paulo: Ática, 1992. 206 p. (Série Fundamentos; 90).

FERREIRA, Daniela de Jesus. Imprensa Comunista: Um Panorama da Produção de Revistas e Jornais do Partido Comunista do Brasil. **Revista Eletrônica Discente História.Com**, vol. 2, n. 3, p. 06-18, 2014. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia: Cachoeira, 2014. Disponível em: <<http://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/historiacom/article/view/144>> Acesso em: 02 jan. 2017.

FERREIRA, Jorge. Os comunistas e os Novos Rumos. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH.** São Paulo, 2011. Disponível em: <[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300311193\\_ARQUIVO\\_OscomunistaseosNovosRumos.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300311193_ARQUIVO_OscomunistaseosNovosRumos.pdf)> Acesso em: 27 dez. 2016.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Voz Operária. In: ABREU, A. A. et all. (coords). **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro pós-1930.** Rio de Janeiro: CPDOC-FGV, 2001. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbetetematico/voz-operaria>> Acesso em: 28 dez. 2016.

OLIVEIRA, Lorrán Santos. **Debates e cisões no jornal Voz Operária: o PCB e o relatório Krushev.** Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História). Universidade de Brasília. Brasília, 2013. Disponível em: <[http://bdm.unb.br/bitstream/10483/6948/1/2013\\_LorránSantosdeOliveira.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/6948/1/2013_LorránSantosdeOliveira.pdf)> Acesso em: 30 dez. 2016.

TAVARES, Rodrigo Rodriguez. O humor contra Vargas: desenhos comunistas do período da campanha eleitoral ao suicídio (1950-1954). **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, vol. 8, n. 18, p. 68-101, mai./ago. 2016. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180308182016068>> Acesso em: 04 jan. 2017

VELLOSO, Mônica Pimenta. Os Intelectuais e a Política Cultural do Estado Novo. **Revista de Sociologia e Política**, n. 9, p. 57-74, 1997.

### Dados dos Autores

André Konell é graduado em Publicidade e Propaganda pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR e graduando em História pela Universidade Federal do Paraná – UFPR. E-mail: [andrekonell@gmail.com](mailto:andrekonell@gmail.com)

Jacqueline Mylena de Camargo é graduanda em História pela Universidade Federal do Paraná – UFPR. E-mail: [jacque.mylena@gmail.com](mailto:jacque.mylena@gmail.com)

Lauriani Beraldo Kawashima é graduada em Serviço Social pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP e graduanda em História pela Universidade Federal do Paraná – UFPR. E-mail: [lauribeka@hotmail.com](mailto:lauribeka@hotmail.com)

Marcos Anholetto Matos é graduando em História pela Universidade Federal do Paraná – UFPR. E-mail: [marcos.anholetto@hotmail.com](mailto:marcos.anholetto@hotmail.com)

Nathalia Reichwald é graduada em Enfermagem pela Universidade Positivo e graduanda em História pela Universidade Federal do Paraná – UFPR. E-mail: [nathaliareichwald@yahoo.com.br](mailto:nathaliareichwald@yahoo.com.br)

ANEXO A - ED 141, 01 fev. 1952, p. 12

## O "DESMEMORIADO"



Eles — Você não disse que ia acabar conosco?  
Getulio — Eu? Eu disse isso?

**ANEXO B - ED 121, 15 set. 1951, p. 12**





ANEXO C - ED 245, 23 jan. 1954, p. 3

## Getúlio Visto Por Stassen



«Trata-se de um estadista animado das melhores disposições» quanto à política de co-  
operação americano-brasileira, que o presidente Eisenhower deseja intensificar».  
(Dos jornais)

**ANEXO D - ED 153, 26 abr. 1952, p. 5**

